

EUA não pensam em baixar juros

Nova Iorque — Segundo altos funcionários da Reserva Federal (Banco Central) dos Estados Unidos, não existe nenhuma intenção de baixar as taxas de juros, a menos que a economia dê sinais de enfraquecimento.

A Reserva Federal se encontra numa posição difícil porque o objetivo de estimular a economia requer uma política monetária expansiva, enquanto a defesa do dólar exige elevadas taxas de juros para atrair capitais estrangeiros aos Estados Unidos.

Numa reação à queda da Bolsa (que segundo alguns expoentes da Administração e outros economistas deve se atribuir à decisão da Reserva Federal pouco antes do **crash** de elevar a taxa de desconto) o Banco Central ofereceu liquidez ao sistema financeiro para afastar a recessão. Mas o efeito sobre a taxa de câmbio foi imediato: o dólar começou a descer sobre os mercados de valores, tornando problemático para os Estados Unidos obterem os capitais externos necessários para financiar o seu déficit comercial.

Enquanto isto, o governo deu aos mercados sinais contrastantes sobre sua atitude na política de valores: o secretário do Tesou-

ro, James Backer, disse que é favorável a uma desvalorização do dólar para evitar uma recessão na América do Norte, mas sustentou também a necessidade de manter a estabilidade dos câmbios.

Para evitar uma posterior depreciação da moeda norte-americana, os Bancos Centrais (segundo muitos analistas) deverão coordenar suas políticas monetárias recortando a taxa de redesconto que aplicam em seus empréstimos aos bancos comerciais. Ontem, porém, o governador do Banco Central do Japão, Satoshi Sumita, declarou que nem o seu país nem qualquer outro do grupo dos industrializados têm a intenção de reduzir o custo do crédito.

A incerteza sobre a conduta da política monetária e de valores norte-americana se resolverá provavelmente nos próximos dias, depois da divulgação do dado sobre o déficit comercial dos Estados Unidos em setembro, prevista para esta quinta-feira. Provavelmente será o mercado que exercerá pressões para a baixa do dólar, se outra vez as contas externas dos Estados Unidos não derem sinal de recuperação.